



CIBERTEXTOS, SUBJETIVIDADES E DISCURSOS

Juscelino Pernambuco
Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bollela
Maria Regina Momesso de Oliveira
Maria Silvia Olivi Louzada

Resumo

Em uma sociedade em que a Internet tem se tornado um grande meio de expressão de subjetividades, entrelaçamentos de discursos, culturas e de globalização do conhecimento, emerge significativa preocupação dos profissionais da comunicação e do ensino em relação à utilização dos ciber textos (*blogs*), seus efeitos de sentido e os discursos por eles manifestados. O presente artigo tem por objetivo refletir sobre os ciber textos tendo como construto teórico autores tais como Foucault, Pêcheux, Maingueneau e outros filiados à AD francesa que tratam do discurso, do sujeito e das "técnicas de si", os quais indicarão uma metodologia de análise de textos e discursos circundantes em *blogs* educativos, jornalísticos e cinematográficos.

Dentre as novas práticas comunicacionais e de relações sociais eletrônicas provocadas pela cibercultura, encontram-se os *weblogs*: uma *home-page* simples de fácil criação e publicação, cujo surgimento data do final dos anos 1990.

Com a expansão dos *blogs* na Internet, este suporte deixou de ser apenas um diário pessoal e conquistou outras funções, práticas e categorias: *blogs* educativos, jornalísticos, publicitários, cinematográficos, colaborativos, entre outros. Dentre eles há dois tipos essenciais: o público e o privado. Os *blogs* públicos podem ser acessados por qualquer pessoa; os privados são os que não aparecem em *sites* de busca e que requerem a senha de acesso do usuário.

Caracterizado como um texto dinâmico, o ciber texto (*blog*) é uma forma de comunicação híbrida na qual o computador atua tanto como elemento mediador entre humanos, quanto no nível humano/máquina, por exemplo, na intermediação de mensagens entre o usuário e o *software* em um Jogo Eletrônico.

Blogs educativos

Blogs educativos: entre discursos e representações de uma "nova" forma de ensinar e aprender

Os *weblogs* educativos, conhecidos pelos portugueses como *blogues* e pelos espanhóis como *edublogs*, começaram a aparecer no Brasil por volta do ano de 2000. Com sua popularização emergiram idéias de exploração deste suporte de forma diferenciada, inclusive como ferramenta pedagógica. Além disso, ficou conhecido como um espaço privilegiado para a organização de aulas, oficinas, pesquisas, registro de atividades dadas em sala de aula ou como proposta de

trabalhos para se fazer extra-classe ou forma inusitada de debate escrito, enfim um verdadeiro *webfólio* de aprendizagem.

Esse acontecimento coaduna-se com os PCNs do ensino fundamental e médio quando estes propõem a inserção das novas tecnologias na educação, alterando a relação ensino-aprendizagem e as relações até então tradicionais entre professor-aluno. No que tange à linguagem, também ocorrem modificações, uma vez que o suporte carrega um sincretismo de linguagens (verbo-voco-visual), como conseqüência o tratamento do texto e seu processo de construção exigem escolhas, ligações com outros textos, síntese, entre outras coisas.

Neste artigo iniciaremos uma reflexão acerca desse objeto e das práticas subjetivadoras provenientes dos *blogs educativos*, amparados em Foucault (2004), Lemos (2004), entre outros autores, e em algumas de nossas experiências e estudos, restringindo-nos a dois *blogs educativos* brasileiros e dois portugueses¹:

Nos últimos estudos de Foucault, há um deslocamento em torno do conceito de sujeito. Se antes o sujeito era como um corpo dócil fabricado pelas disciplinas, a partir da História da Sexualidade o sujeito surge como lugar de uma problematização, objeto de uma preocupação, o eixo em torno do qual vai se concentrar toda uma reflexão relativa à relação consigo mesmo e os outros, reflexão constitutiva da conduta de vida. Nasce assim a concepção de práticas subjetivadoras, em que o sujeito cria procedimentos para se observar, se analisar, se decifrar e se reconhecer como campo do saber possível. Logo é o momento em que o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo.

Em relação às práticas subjetivadoras, afirma Foucault (2004) que devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmo regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo.

Partimos da hipótese que os *blogs educativos* constituem-se em um instrumento fértil para práticas subjetivadoras e com isso são poderosas ferramentas na construção de “identidades virtuais”. Várias questões, então, emergem: Quais seriam as “identidades virtuais” que estão sendo construídas em *blogs educativos* do ensino, dos professores e dos alunos? Que práticas subjetivadoras são utilizadas para tal construção?

Ao pensarmos sobre os discursos que circulam na sociedade brasileira sobre a educação, os professores e os alunos, verificaremos de forma geral a difusão de uma crise em relação aos melhores métodos de ensino, o desgaste da imagem do professor e de sua importância na relação aluno-professor. Em meio a essa crise, aparecem as novas tecnologias da informação e com elas o discurso da solução de todos os problemas. Em 2001, surge o contra-discurso, ou seja, os problemas não foram resolvidos, permanece a divisão entre ricos e pobres, alfabetizados e não alfabetizados, só que com um outro agravante: a exclusão digital. Agora, o “sujeito”, além de mais fragmentado, clivado, heterogêneo, torna-se também virtual.

¹ <http://blogosferamarli.blogspot.com>; <http://palavraaberta.blogspot.com>; <http://www.geografismos.blogspot.com.br/>; <http://quadroegiz.blogspot.com/>

Na construção do sujeito na pós-modernidade os *blogs* apresentam diversos modos de subjetivação em uma determinada formação social. São exímios instrumentos produtores de subjetividades virtuais e reais. As formas de produção de subjetividades nos *blogs* propiciam uma “volta sobre si mesmo”, e ao mesmo tempo o sujeito pode se observar sem pedir licença a ninguém: *voyerismo*, narcisismo e técnica de exposição dos sujeitos tornam-se práticas subjetivadoras comuns.

Outra prática subjetivadora dos *blogs* educativos é a confissão da intimidade: erros, desejos, projetos nos mínimos detalhes. Podemos verificar que o suporte constitui-se como um lugar que convida o usuário a confessar as culpas, seus exemplos de vida, experiências, reflexão sobre o vivido. Como consequência deste processo, há auto-avaliação, auto-decifração do “eu” e do “outro”. Enfim se estabelece aí o governo de si pelo governo dos outros.

Um dos discursos que se destaca é o da valorização da inteligência coletiva como superação da inteligência individual. No trabalho colaborativo em rede a criação é mais solidária e com sentido de cooperação, mas o dia-a-dia da escrita ainda permanece solitário: o indivíduo e a tela em branco. Incrementam-se as experiências singulares com o trabalho educativo e os resultados, e tudo isso se alia a pessoas de diversos antecedentes culturais.

Em seus estudos sobre as técnicas de si, Foucault discorre sobre uma das técnicas utilizadas pelos gregos para o conhecimento de si e, conseqüentemente, o saber para ter o domínio de si mesmo: os *hupomnêmata*, cadernos de notas utilizados pelos discípulos, como por exemplo os de Sócrates, em que eles escreviam sobre o real, sobre o que ocorria na vida prática. A escrita era um exercício pessoal feito por si e para si, como uma arte da verdade díspar; ou mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. Há dois processos resultantes da constituição da escrita e da leitura e releitura dos *hupomnêmata*: por um lado, unificam-se fragmentos heterogêneos pela sua subjetivação no exercício da escrita pessoal. De outro, o copista cria sua própria identidade através dessa nova coleta de coisas ditas (FOUCAULT, 2004).

Logo os *blogs* educativos são a evolução dos *hupomnêmatas*, agora o sujeito não mais escreve só para si e para o outro numa relação privada, mas sim numa esfera pública. Nesse processo há uma variedade de *blogs* através dos quais se propõe a todos nós que façamos minuciosas operações sobre o modo de ser e sobre as atitudes a assumir daqueles que estão envolvidos com a educação. Tudo isso mostra que “o sujeito” da pós-modernidade, apresentado como ser fragmentado, cindido, conflitante e até mesmo perdido em meio a tantas informações, continua utilizando práticas subjetivadoras para encontrar o seu eixo, o seu norte. O *blog* educativo intencionalmente ou não acaba por se tornar uma auto-referência tanto para determinar o que se pode e deve dizer sobre as práticas educacionais, como para mostrar de forma clara as relações de forças estabelecidas no ciberespaço em relação a esta questão. O blogueiro coloca-se na função de indicar também os elementos e a construção de um tipo de sintaxe (do suporte e até da própria cibercultura). A grande diferença entre o *hupomnêmata* dos gregos e dos blogueiros educadores está no fato de que a sensação do usuário e do visitante do

blog se dá numa relação libertária, em que cada um é dono de seu próprio discurso. Daí a importância de estudos mais aprofundados na área para observarmos como tudo isso cria efeitos de sentido.

Webjornalismo, subjetividade e heterogeneidade discursivas

Nesta análise, optamos por investigar a constituição de identidade — subjetividade e heterogeneidade — em *blogs* jornalísticos de conteúdo político, notadamente os pertencentes a jornalistas renomados.

Sabendo-se que, em geral, o *blog* é espaço de manifestação de subjetividades, decidimos:

- a) investigar como se apresentam os *blogs* jornalísticos, diante da pretensa objetividade desejada e manifestada pela mídia impressa;
- b) observar se há similaridade em relação a comportamentos lingüístico-discursivos de jornalistas políticos da mídia impressa;
- c) verificar quais são os recursos discursivos utilizados em *blogs* jornalísticos para criar efeitos de objetividade.

Os *blogs* jornalísticos costumam organizar-se, assim como os jornais e revistas impressos, em seções, tais como: artigos, entrevistas, especiais, enquete, humor, destaques do dia, imagens etc que o visitante pode acessar na ordem que melhor lhe convier. Em relação ao conteúdo, costumam veicular mensagens breves, com forte carga crítica e persuasiva. Em tais *blogs* o jornalista vai intermitentemente informando e analisando os principais fatos políticos do dia. Essa pretendida concomitância entre os fatos que se divulga — a história em se fazendo, em tempo real — e a leitura dos freqüentadores da página que podem incluir-se em seu texto e discurso por meio da seção “Comentários”, faz com que difiram, em certa medida, do jornalismo convencional impresso, atualizado em períodos maiores de tempo. Assim, nos *blogs*, o texto e discurso resultantes da interação entre o sujeito e os seus co-enunciadores são permanentemente atualizados e podem ser objeto de leitura e novos comentários a qualquer momento do dia por todos aqueles que os acessarem, num processo de comunicação instantânea.

Como assinala MAINGUENEAU (2001), os discursos exigem uma cenografia — “maneira como o discurso constrói uma representação de sua própria situação de enunciação” — para poderem persuadir o seu co-enunciador, captando seu imaginário e atribuindo-lhe uma identidade, por meio de uma cena de fala previamente validada, isto é, já instalada na memória coletiva — “modelos que se rejeitam ou modelos que se valorizam”.

Dado o gênero do discurso — ciberdiário — e a peculiaridade enunciativa desses *blogs*, podem-se definir os papéis enunciativos, em dois níveis: um discurso proferido por um sujeito “apagado” — uma estratégia para obter um pretense efeito de objetividade — ou um discurso proferido por um actante do enunciado (o locutor) em que pode emergir a subjetividade.

Analisados em três *blogs* jornalísticos, escolhidos entre os mais lidos da Internet, como se instalam os papéis enunciativos — o *blog* do Josias de Souza e o do Fernando Rodrigues (Folha *On line*) e o do Ricardo Noblat (O Estado de S. Paulo) — pudemos verificar que os dois primeiros trazem fotos dos jornalistas e pequena biografia em 3^a pessoa do singular, destacando-se os prêmios ganhos e principais atividades e periódicos por onde passaram. Em ambos, busca-se credenciar o locutor, atendendo a uma das mais caras regras do jornalismo: a imparcialidade marcada por meio de uma linguagem isenta de subjetividade. No *blog* do Noblat, o menu traz a seção “PERFIL”, em que o próprio jornalista em 1^a pessoa do singular faz uma retrospectiva da sua vida de brasileiro que vivenciou as transformações sociais e políticas pelas quais passou o país nos últimos 40 anos e, paralelamente, do seu percurso profissional, sempre no “olho do furacão”. Trata-se de uma postura não só de quem foi espectador da história política do país, mas também de quem a experimentou no papel de “ator”. A subjetividade evidencia-se também em frases em que o locutor faz apreciações sobre suas experiências ou no modo como intitula suas matérias.

Nos três *blogs* analisados pode-se verificar a presença de heterogeneidade marcada em transcrições de artigos de outros jornalistas e periódicos, charges, quadrinhos, frases do dia etc e que “falam” com/pelo locutor, integrando-se ao seu texto e discurso. É Noblat, sem dúvida, aquele que mais se utiliza desse expediente: há em seu *blog* uma seção intitulada “artigos”, destinada à divulgação de matérias de outros jornalistas.

A análise empreendida indicou que os *blogs* jornalísticos constituem-se em um processo interdiscursivo, intradiscursivo e intertextual. Neles, aparentemente, o sujeito dá de si mesmo uma imagem democrática e interativa, na medida em que o *blog* é um lugar de discussão da diversidade de pensamento. Em conclusão, pode-se afirmar que nesses *blogs* constrói-se um simulacro de heterogeneidade, por meio de: introdução da voz do co-enunciador leitor, expressamente *presentificado* (LANDOWSKY, 2002) no *blog* na seção “Comentários”; a enquete, em que os visitantes da página podem opinar sobre assunto relevante e conhecer o que pensa a maioria dos que opinaram, aliando-se ou distanciando-se deles; citação, inclusão, remissão a textos publicados em outros periódicos (charges, quadrinhos, reportagens etc), em que o locutor parece tornar o *blog* um espaço privilegiado de manifestação da heterogeneidade. Obviamente, ao assim proceder, subentende-se que há concordância e/ou convivência do locutor com a opinião manifestada implicada nesses discursos: o sujeito parece ter uma “vocalização totalizante”, pois busca instituir um ponto-de-vista homogêneo sobre o tema em discussão.

Blogs cinematográficos

Apesar do surgimento dos *weblogs*, como prática comunicacional e de relação social eletrônica, datar do final da década de noventa, os *blogs* cinematográficos só começaram a ganhar vulto na Internet a partir de 2004.

O *blog* cinematográfico, assim como o educativo e o jornalístico, deixou de ser apenas um diário pessoal e conquistou uma especificidade. Sendo assim, no que tange à caracterização, os *blogs* aqui analisados são específicos

(cinematográficos) e públicos (podem ser acessados por qualquer pessoa). Tomando-os como material de análise, temos o objetivo de verificar de que forma a subjetividade e o entrelaçamento de discursos se manifestam nessa modalidade de cibertexto.

Há pelo menos dois tipos de *blogs* cinematográficos: os que são escritos por críticos de cinema (pessoas com formação específica na área) e os que são escritos por leigos (apenas apreciadores desse tipo de arte). Dos *blogs* analisados, de acordo com a disponibilidade na Internet, apenas 20% são escritos por especialistas e os outros 80% são redigidos por pessoas sem qualquer grau de formação específica.

Nos *blogs* analisados, deparamo-nos com um sujeito que se constitui como um ser heterogêneo, fragmentado e descontínuo. Essas marcas podem ser verificadas nas características mencionadas a seguir:

1) Ausência de objetividade no que tange ao embasamento de opiniões acerca do filme analisado. As opiniões dadas são, na maioria das vezes, meras manifestações dos aspectos emocionais ou sentimentais causados, pelo filme, no espectador.

2) Passagem de um comentário de cunho pessoal para a narração do enredo do filme.

3) A importância das formas de avaliação pública. Quando se afirma que um filme é bom, o argumento se restringe, muitas vezes, ao sucesso de bilheteria, às premiações do Oscar, à avaliação da crítica (expressa em forma de estrela ou sinal de positivo, etc.) e até mesmo ao número de visitas no *blog* em função de comentário feito sobre um determinado filme.

As três características mencionadas não são encontradas, na mesma proporção, nos *blogs* escritos por especialistas em cinema. Na verdade, algumas vezes, podemos verificar, nesses *blogs*, características contrárias às apresentadas, como por exemplo, em relação à ausência de embasamento das opiniões, apresentadas como meras manifestações de aspectos emocionais ou sentimentais causados pelo filme: nos *blogs* escritos por especialistas, ao contrário, vemos a tentativa deliberada de justificação desses sentimentos. Ou ainda, em relação à passagem de um comentário de cunho pessoal para a narração do enredo do filme: nos *blogs* escritos por leigos o enredo ocupa o primeiro plano (aparecendo antes mesmo da opinião do autor), enquanto que nos *blogs* dos especialistas o enredo, quando presente, ocupa um segundo plano (ou seja, é mencionado em função do comentário que está sendo elaborado). Relativamente ao destaque dado à avaliação pública, isso ocorre tanto nos *blogs* escritos por leigos como nos escritos por especialistas, o que talvez possa sinalizar que, nos *blogs* cinematográficos, o critério “avaliação pública” goza do *status* de argumento de autoridade.

Concluindo essa análise acerca dos *blogs* cinematográficos, gostaríamos de enfatizar ainda que, além das características mencionadas, nessa modalidade, o sincretismo de linguagens está permanentemente presente, havendo a possibilidade de se ter acesso a informações escritas (sinopses, críticas, comentários), imagéticas (cartazes, fotos) e, inclusive, de vídeos (com a possibilidade de se assistir a trailers dos filmes). Essa pluralidade vem corroborar o surgimento do sujeito pós-moderno, que como apontou Calloni (2005), possui uma identidade vaga, sem história, porque o referente não é mais a realidade, mas o seu discurso, a sua imagem, a sua virtualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 19. Campinas: UNICAMP/IEL.

CALLONI, Humberto. A educação e seus impasses: um olhar a partir da noção de pós-modernidade. In: LAMPERT, Ernani (Org.) *Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano*. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Michel Foucault: organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GADET, F.; HARK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LANDOWSKY, E. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LEMONS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de E. P. Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. Título original: *Les vérités de la Palice*, 1975.

Subtítulo 2



11^o Congresso brasileiro de língua portuguesa

2^o Congresso internacional de Lusofonia do IP PUC-SP

Memória e diversidade cultural

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Aenean commodo ligula eget dolor. Aenean massa. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Donec quam felis, ultricies nec, pellentesque eu, pretium quis, sem. Nulla consequat massa quis zenim.